

**Os produtores de açúcar se defendem**

*Segundo eles, a agroindústria canavieira é a que dá melhores condições de trabalho aos volantes.*

O presidente da Sociedade de Produtores de Açúcar e de Alcool (Sopral), que reúne 114 usinas de destilarias no centro sul do País, Cícero Junqueira Franco, afirmou ontem que o setor de produção de cana e açúcar está preocupado com as condições de trabalho do trabalhador rural brasileiro e que a Sopral já deu diversas sugestões ao secretário do Trabalho, Almir Pazzianoto, visando à elaboração de um documento — que já foi enviado no último dia 25 de março ao ministro do Trabalho, Murilo Macedo — com várias propostas de solução para o problema do trabalhador rural volante, os bóias-frias.

Sérgio Luís Coutinho Nogueira, vice-presidente da Sopral, afirmou que "a maior parte dos trabalhadores rurais volantes na região de Ribeirão Preto e Piracicaba, ou é registrada na carteira do trabalho ou tem um vínculo através de contratos de trabalho por tempo determinado".

Isso mostra, segundo Nogueira, que dentro de todo o setor agrícola do Estado, a agroindústria canavieira é a que dá melhores condições de trabalho para os volantes. "Mesmo assim, reconhecemos a necessidade de uma modificação substancial na legislação que regulamenta o trabalho do volante rural".

Na opinião de outro diretor da Sopral, Luís Antonio Ribeiro Pinto, "o pensamento geral da categoria dos usineiros é o de que essa revolta dos bóias-frias foi fruto, na realidade, da situação geral de crise econômica em que está mergulhado o País. E também do quadro de recessão e frustração geral dos vários segmentos da população quanto à condução da política governamental, o atendimento dá questão social e política do País".

— Essa situação geral de tensão cria, diz Luís Ribeiro, um potencial explosivo que é facilmente explorável e manipulável por elementos radicais de todas as tendências.

O diretor da Sopral afirma ainda: "O caso de Guariba reflete bem essa situação: o descontentamento popular contra a elevação de taxa de água, o custo de vida de um modo geral e a falta de credibilidade na condução da política econômica do governo, acabaram resultando uma manifestação popular que, segundo todos os que vêm acompanhando o episódio, foi mesmo descontrolável. É uma amostra do espírito que existe hoje em toda população mais carente e revela que o nosso governo não tem sensibilidade para perceber isso, muito menos capacidade para encontrar as soluções.

Sérgio Nogueira Coutinho afirmou ter estranhado o fato de não ter havido, antes da revolta dos volantes de Guariba, um contato direto entre as lideranças sindicais rurais com os produtores, sobre qualquer reivindicação dos trabalhadores. "Isso significa, na nossa opinião, que pessoas estranhas à classe dos volantes (ativistas profissionais ligados a várias tendências, que lamentavelmente identificamos em qualquer setor da nossa atividade) aproveitaram-se da situação de insatisfação geral dos trabalhadores com o contexto sócio-econômico do País, para provocar e dirigir essa insatisfação para o lado violento.

Na opinião de Sérgio Nogueira, essas pessoas foram tão hábeis que houve duas manifestações quase idênticas e simultâneas envolvendo locais e categorias profissionais diferentes — volantes dos setores canavieiro e citricultor.

**Negociação: a saída.**

Segundo João Carlos Figueiredo Ferraz, também diretor da Sopral, "o clima ainda está muito emocional para se chegar a uma negociação sensata". De qualquer forma, lembrou ele, os produtores já cederam imediatamente após à manifestação da terça-feira, atendendo à reivindicação básica dos volantes que solicitavam a volta do sistema de corte da cana por cinco ruas e substituição ao sistema de sete ruas, implantando há cerca de um ano.

Na opinião de Luís Antônio Ribeiro, "mesmo essa reivindicação de substituição das sete ruas pelo sistema de cinco ruas não foi mais que um pretexto para se promover a revolta, já que a substituição no sistema de corte implantados pelos usineiros, em meio do ano passado, não provocou nenhuma modificação relevante contra a produtividade e o ganho dos volantes".

João Carlos Figueiredo Ferraz afirmou também que, "além disso, em função da inovação do sistema de corte — e portanto da situação de transmissão de um sistema para outro — alguns trabalhadores sentiram dificuldades para se adaptar e, percebendo isso, os usineiros de um modo geral ofereceram uma unificação de 10% sobre os valores que vinham sendo tratados como pagamento. Essa bonificação foi concedida desde maio do ano passado e mantida até o momento.

**(Página 14)**